

Tribuna Livre

À Biblioteca Pública de

Braga

6
NOVEMBRO
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - A M A R E S

O Sr. Ministro das Obras Públicas no nosso Concelho

Em diligência de Trabalho, acaba de visitar o nosso concelho o sr. Eng.º Rui Sanches, ilustre Ministro das Obras Públicas.

Era aguardado pelos srs. presidente, vice-presidente e edis da Câmara, presidente e vice-presidente da A.N.P., presidente do Grémio da Lavoura, director da Escola Preparatória, Provedor da Santa Casa, Comandante da Legião, Director de Estradas do Distrito, Arq.º Almeida d'Eça, encarregado dos Serviços de Urbanização da Câmara e outras entidades.

O sr. Ministro das Obras Públicas fazia-se acompanhar de diversas individualidades que o acompanham da capital e ainda do sr. Governador Civil e do sr. Director de Urbanização do Distrito.

No edifício da Câmara Municipal realizou-se uma sessão de trabalhos em que tomaram parte os técnicos presentes e as autoridades concelhias sendo apresentados ao titular das Obras Públicas os muitos projectos e aspirações que o Município

pretende realizar.

Sobre todos foram trocadas impressões e vencidas dificuldades de maneira a poder contar-se com o maior número possível de realizações.

No final o sr. Ministro das Obras Públicas visitou o Hospital Sub-regional a fim de se inteirar da urbanização do mesmo e o local em que deve ser implantada a Variante à E. N. 205, projectada pela Junta Autónoma das Estradas.

Devido ao adiantado da hora não nos é possível fazer mais referências aos assuntos tratados pelo ilustre visitante.

Ministro de Estado da Presidência do Conselho

Foi nomeado e empossado na semana finda, no alto cargo de Ministro de Estado da Presidência do Conselho, o sr. dr. João da Mota Ferreira de Campos, ilustre homem público nascido em Vieira do Minho e residente em Braga, personagem muito conhecida no nosso concelho onde conta amigos de longa data.

O novo Ministro de Estado é um estudioso que na vida universitária marcou posição de relevo, deixando, desde logo, antever o futuro brilhante que o esperava.

Autor de diferentes obras, desempenhou diversos cargos profissionais e políticos, revelando um agudo sentido de esclarecida inteligência e de esforçado labor.

Foi Secretário de Estado da Agricultura e, actualmente, desempenhava as funções de presidente da Comissão de Planeamento do Norte.



Ao chamá-lo para junto de si, fazendo-o seu mais directo colaborador, o Sr. Prof. Marcello Caetano testemunhou-lhe uma confiança de salientar.

Na sua posse o nosso concelho esteve representado pelas autoridades e por alguns amigos pessoais que assim tiveram oportunidade de lhe manifestar o seu muito apreço e admiração.

5.ª COLUNA

O meu Leitor, se me lê há muito, já sabe que sou optimista. Todavia, por vezes, também tenho as minhas crises de melancolia e da-me para encimesmar. Meto-me no quarto ou no escritório e acabo por adormecer, pois nem me apetece ler, falar ou mesmo escrever asneiras...

Ora, todo o meu optimismo de vez em quando alui. Porquê. Pelas asneiras que muitos escrevem e outros publicam. Suponhamos:

«Portugal é um país iminentemente receptor de turistas». Isto é uma frase cuja qualificação eu não encontro. O que encontro é pretensiosismo balofo desta toda a gente, para insensar certas virtudes portuguesas, cuja base é periclitante.

Se quem a escreveu, logo a inventou, quer dizer ser a única forma de fazermos Turismo no país, nem mesmo isso compreendo. Seremos iminentemente receptores é um bocadinho esquisito. Ao menos podíamos ser transmissores de encantos, de bucálicas paisagens, de sinfonias de cor, de milheirais dourados e do dourado Vinho do Porto. Mas, pelo que foi escrito, nada temos para transmitir. O que temos, sim, é uma recepção iminentemente asnáctica. Imi-

(Continua na 4.ª página)

A ARTE DE OUVIR

Desde menino que nos educamos no sentido de ouvir com atenção qualquer interlocutor, seja grande no dizer, seja humílimo a falar. Por questão educacional as-

sim somos ainda hoje. Não nos temos dado nada mal com isso, criando amizades, logrando instrução, corrigindo defeitos — quem os não tem? — acumulando virtudes.

Há dias eramos três amigos conversando, rua abaixo. Evidentemente que tivemos de exemplificar algo e, entusiasmados, assim prosseguíamos no nosso caminho. Porém, outro amigo apareceu e foi necessário interromper a nossa prelecção para o atender. Entre o cumprimento do intruso e a natural cerimónia do nosso, mediará apenas dois minutos escassos, se tanto. Pois quando quisemos reatar o assunto, os dois amigos desconheciam do que vieramos a falar.

A explosão deu-se, como não podia deixar de ser, e, irritados, tivemos de proferir algumas palavras azedas para a falta de atenção dos dois anigalhaços... Faltava-lhes e falta-lhes a arte de ouvir. Há, de facto, uma arte sobre este curioso caso da conversação. Temos até um actor, já consagrado, que desde os primórdios foi sempre dum talento enorme no palco, nesta especialidade. E ainda hoje, quando o virem trabalhar reparem nessa sua po-

(Continua na 4.ª página)

Mini-Gazeta

Cada evento aparecido
Neste país, já famoso,
Tem o seu quê de jocoso,
De elegante, de acintoso,
Muito nosso conhecido.

Imagine o meu Leitor:
Uma fábrica de «xis»,
Que fabrique almofariz,
Ou seja mesmo de... giz,
Inaugurar-se em pendor!...

E logo se descortina,
No discurso, em verborreia
Não ser nenhuma potreia,
Mas a bem medida teia,
Duma factura d'estima.

E desta questão de fundo,
Surge o verbo que galopa
E elogio, ciclopa:
— Eis a melhor da Europa,
Ou mesmo a melhor do mundo.

DAVUS

IMPREVIDÊNCIAS

INDESCULPÁVEIS

Um simples descuido pode originar males gravíssimos, quicá arrebatam a vida a qualquer pessoa. Mas quando o descuido é sistemático, toma então foros de desleixo, que a sociedade deve corrigir. O mero descuido pode ser fruto ocasional de uma circunstância infeliz, mas o desleixo é filho da rotina, da preguiça, do comodismo ou da cruel indiferença pelo bem dos nossos semelhantes.

Como se deve qualificar o proprietário que manda abrir um poço e que não cura de resguardá-lo convenientemente, evitando assim que o transeunte incauto encontre nele a ratoeira que o inutilizará para sempre ou lhe arrebatará a vida? Talvez que esse proprietário seja uma pessoa honesta, digna. Dormirá tranquilamente o seu sono de justo e, entretanto, o desleixo vai roubar-lhe essa tranquilidade,

(Continua na 4.ª página)

Notícias do Canadá

«Amor e gratidão para com Deus»

Logo cedo, ao raiar do dia, a mãe de Maria levou-a até ao jardim para colher frutos e, principalmente, para admirar o levantar do Sol. O céu estava brilhante de cor e de magia; o ar estava sereno e fresco, um tanto adocicado pelo perfume das flores e dos frutos que pendiam das árvores. Pássaros diversos, bem como insetos variados, rodeavam-na com musicado colorido e ameno.

Maria entrou no quintal, sem tirar os olhos do céu. Alegremente e despreocupada, desatou a correr por entre as veredas cercadas de flores e árvores. Vez por outra, com o cabelo esbaforido e com o rosto molhado de suor, parava para tomar um fôlego e admirar o céu que ganhava novo colorido. Ouvia o chilrear dos pássaros e o murmúrio das árvores agitadas pela brisa da manhã fresca. Aqui e acolá parava para colher frutos, ora desta ou daquela árvore. Tanta era a sua euforia que ria para consigo, como se no jardim houvesse encontrado a felicidade mais pura. Com o avental cheio de frutos, foi de encontro à mãe e sentou-se junto dela.

Foi sentada, com a cabeça apoiada no regaço da mãe que Maria viu, pela primeira vez, um pobre rapaz com a roupa esfarrapada e apoiado à cerca que rodeava o quintal e jardim. O pobre parecia faminto. Maria, com os olhos fitos no rapaz, estremeceu com pena do pobre infeliz.

«Posso dar-lhe alguma fruta?» perguntou à mãe.

«Podes, minha filha,» disse a mãe, «mas diz-me primeiro a quem a fruta pertence?»

«É minha,» disse Maria, pois o pai disse-me que seria minha toda quanta pudesse colher.»

«Então podes dar a que quiseres ao rapaz?» disse a mãe.

«Muito bem, mãezinha, dar-lhe-ei metade da que tenho no avental.» Rápidamente dirigiu-se à cerca e dividiu com o pobrezinho a fruta que tinha. O rapaz aceitou-a com agrado e logo a começou a comer, pois estava esfomeado. Maria satisfeita pela acção nobre que acabara de fazer veio-o de novo para junto da mãe.

«O rapaz nem sequer me agradeceu o gesto» disse ela à mãe, queixando-se da ingratidão do pobre que se afastava a passos largos.

«E tu, minha filha, só lha des-te com o intuito de seres agradecida?» perguntou-lhe a mãe.

«Não; naturalmente não,» disse a garota com algumas

lágrimas nos olhos, «eu apenas lha dei por que tive pena dele.»

«Ele de facto devia ter-te agradecido antes de ir embora, minha filha,» disse a mãe, mas estás segura de que nunca agiste de maneira igual?»

«Sim, mãe, estou certa de que nunca procedi dessa forma» dizia Maria com as lágrimas a correr pelo rosto. «Porquê devia eu assim ser rude para com o meu semelhante? Gosto da gente que me ama. Gosto daqueles que me dirigem palavras urbanas; gosto de quem tem bons sentimentos e é afetuosa. Em resumo, sempre gostei de agradecer o bem que me fazem, ainda ontem tão logo o pai me deu autorização para eu colher os frutos eu agradei-lhe de pronto. Sempre, mas sempre mesmo, sou grata a quantos me dão coisas. Estou certa, mãe, de que jamais foi ingrata para ninguém.»

«Ouve-me por um momento, minha filha,» disse-lhe a mãe possuída de tristeza. «Tú levantás-te-te cedo porque estavas alegre e saudável e, com efeito, não podias mais tolerar a cama.»

«Ademais o levantar do sol, o cântico dos pássaros, o fresco do ar, a suave brisa e o perfume das flores era por demais atraente para que continuasses na cama.»

«Quem te deu a saúde que gozas? Quem deu a dos teus pais que zelam por ti dia e

noite? Quem fez as flores, os campos, as núvens, as estrelas, o luar e o maravilhoso colorido celeste para que tu sentisses prazer no viver? Quem deu aos passarinhos o dom de assobiarem lindas músicas para o teu deleite? Quem deu o perfume às flores? Quem nos deu e dá os frutos que saboreamos? És capaz de me dizer?»

«Sim, mãezinha, eu posso» disse Maria, «foi Deus.»

«Tens rezado bastante e rotineiramente para lhe agradeceres todas as dádivas que Ele nos tem dada e dará?», perguntou-lhe a mãe.

«Não, mãe,» disse Maria com voz baixa e tristeza estampada no rosto, «acho que não.»

«Assim sendo» disse a mãe, «tu apenas te agarras ao prazer e não pensas em ser grata. Não pensas que devias agradecer a Deus do mesmo modo querias que o rapaz te agradece a ti?»

Estou convencido de que Maria viu que, ela também, havia sido ingrata para com Deus, assim como o pobre rapaz o fora para com ela. Devemos, acima de tudo, amar a Deus e ser-lhe sempre grato por tudo que nos dá. Deus é pai bondoso e perdoa todas as nossas faltas. Não importa quanto amor os nossos pais nos tenham, o amor de Deus é sempre superior. Devemos, porém, é ser-mos dignos de vivermos em Sua graça e rezarmos amiúdo para que Ele nos perdoe as faltas e pecados que cometemos. Não basta, minha filha, rezar; é preciso fazê-lo com fé. Ser grata para com todos é um dever, mas sê-lo para com Deus é uma obrigação primordial. Por conseguinte, minha filha, que sempre te lembres da ingratidão que o pobre rapaz te fez e tu aprendas para nunca a esqueceres. Lembra-te sempre disto e dá graças a Deus pelo muito que Ele nos dá a todo o instante.»

Maria, com os olhos pregados num crucifixo que pendia na parede, levou as mãos aos olhos com intuito de enxugar as lágrimas que corriam docemente. A mãe tinha razão; ingratos todos nós somos pois nunca nos lembramos de agradecer a Deus o muito que nos dá.

José Tavares

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA

Hospital da Misericórdia	62174
Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62151
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145

CALAFRIO

(Continuado do número anterior)

— Contaminaram? — A minha expressão desorientara-a. Expliquei-lhe: «Corromperem.»

Ao compreender-me, estremeceu, mas isso fê-la soltar uma sarcástica gargalhada.

«Tem medo que ela a carrompa? «Fizera a pergunta com um tão clara e franco humor que, soltando uma gargalhada um tanto estúpida, apenas para a acompanhar, percebi o ridículo que havia em tudo aquilo.»

No dia seguinte, porém, ao aproximar-se a hora de sair no carro, encontrei-a noutra lugar.

«Quem era a senhora que aqui estava antes?»

— A última preceptora? Era também nova e formosa — quase tão nova e formosa, Miss, como a senhora.

— Ah, então, espero que a mocidade e a beleza a tenha ajudado! acrescentei. «Parece que ele gosta de nós jovens e bonitas!»

— Oh, é certo,» assentiu Mrs. Grose: «é o que mais aparecia nas pessoas!» Mal se calara, quando tornou, subitamente; «Estou a falar do Patrão.»

Estremece.

«Mas de quem falava primeiro?»

De pálida, fez-se vermelha.

«Por quê? Era dele?»

— Do patrão?

— De quem havia de ser?»

Evidentemente parecia não poder ser de outra pessoa e não tardei a perder a impressão de que ela por acaso dissera mais do que queria; limitei-me a perguntar apenas o que pretendia saber.

«Viú ela alguma coisa no pequenno?»

— Alguma coisa má? Nunca me disse nada.»

Senti escrupulos de prosseguir, mas dominei-os.

«Era cuidadosa... escrupulosa?»

Mrs. Grose pareceu procurar ser conscienciosa.

«Em algumas coisas... sim.»

— Mas não em todas?»

De novo ponderou; «Bem, Miss, ela foi-se embora. Não gosto de levantar calúnias.»

— Compreendo os seus sentimentos,» apressei-me a responder; mas instantes depois, pensei que não era razão para que não prosseguisse.

— Ela morreu aqui?

— Não... foi-se embora.»

Não sei que havia na segura das respostas de Mrs. Grose que me sou duvidoso.

«Foi-se embora para morrer?»

Mrs. Grose olhava em frente para fora da janela. Mas eu entendi que, tinha o direito de saber o que esperava às raparigas empregadas em Bly.

«Adoeceu, e foi-se embora. não é o que pretende dizer?»

— Que eu saiba, não adoeceu nesta casa. Deixou-a ao fim de um ano, para ir passar umas pequenas férias a casa, como ela disse, visto a isso ter direito, atendendo ao tempo que aqui estava. Tínhamos então uma rapariga, uma aia de criança, que cá tinha estado e era uma boa e esperta rapariga, e foi ela quem cuidou das crianças durante esse tempo. A nossa preceptora, porém, nunca mais voltou, e, quando eu esperava vê-la de volta, o patrão mandou dizer que ela tinha falecido.»

Mas com quê? Insisti.

— Nunca o soube! Mas, por favor, Miss,» tornou Mrs. Grose, «tenho que fazer.»

CAPÍTULO III

O facto de ela se ter assim esquivado à conversa não significava, felizmente para as minhas preocupações, uma falta de atenção para comigo capaz de quebrar o florescimento da nossa mútua amizade. Encontramo-nos, depois de eu ter chegado a casa com o menino Miles, mais intimamente do que nunca, no campo da minha admiração, da minha completa emoção! parecia-me horroroso considerar interdita uma criança como aquela. Chegei um pouco atrasada ao local, e, ao vê-lo em frente da porta da estalagem onde a diligência o havia deixado, fitando-me tristemente, senti que o tinha visto de súbito envolto no mesmo resplendor de frescura, na mesma cândida pureza em que a sua irmãzinha me aparecera desde o primeiro instante em que a vira. Era incrivelmente belo, e Mrs. Grose tinha toda a razão: diante dele só era possível uma espécie de apaixonada ternura. O que me levou

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Uma irmã do insigne poeta Teixeira de Pascoais conta num livro em que escreveu as suas memórias, a forma como seu irmão conseguiu revigorar uma árvore decrépita. Fui criança, frequentei a escola primária e a professora Régia D. Maria, era régia em todos os sentidos. Amável e carinhosa como uma mãe que ama os seus filhos. A Feira Nova, cujo nome provém da criação da feira semanal que mudou do lugar da Feira Velha em Carrageço, concorreu ou foi até a madrinha do baptismo da terra onde nasci.

Passando da terceira para a quarta classe tive, como todos tinham, de frequentar a escola de Amares construída a expensas do benemérito Conde de Ferreira e aonde, e só ali, para todo o Concelho existia essa «universidade» dirigida pelo saudoso professor José Miguel Martins que só me bateu uma vez para experimentar uma vara de oliveira que me pediu para apontar aos alunos as dificuldades da compreensão da regra de três. Não senti na pele o efeito da amorosa vergastada mas ainda que o sentisse não tinha a quem me queixar porque os castigos, sempre merecidos, não eram penalidades a atribuir a professores que nos ensinam e educam porque os rapazes desse tempo se tinham falta de pão, muito menos tinham fartura de educação familiar.

Nessa escola realizava-se anualmente a festa da árvore, festa simbólica mas muito proveitosa para os imberbes pelos conhecimentos que ficavam a ter do valor da árvore de fruto, principalmente, que poucas pessoas ainda hoje sabem plantar embora a abundância de técnicos supra essa deficiência escolar. Temos agora no nosso concelho edifícios escolares confortáveis, higiénicos e talvez alguns aquecidos pela lenha ou pela energia eléctrica para não falar no gás butano, com recintos espaçosos e atraentes mas não têm a festa da árvore nem árvores de fruto em alguns recintos. Uma certeza não põe em dúvida o valor da fruta porque as crianças de hoje estão sempre aptas a comê-la a conhecer-lhe o paladar e o nome porque fora da escola há muitos quintais que não são do Estado mas tem para eles muita e variada fruta embora esse programa não conste dos livros escolares oficializados e permitidos. Chaves, Montalegre e Vidago foram terras visitadas pelo Chefe do Estado. A

recepção atingiu o auge do entusiasmo. O povo vê no Almirante Américo Tomás uma ponte de comunicação entre o Governo e as necessidades das terras que visita porque se fosse visitar todas as outras encontraria motivo para fazer o que fez na região visitada, prometendo pedir para que seja feito quase tudo quanto foi pedido. Ainda que nada mais possa fazer a essa gente, deu-lhe o que muitos querem: a honra da presença do primeiro magistrado da Nação.

Já passou por Amares, conhece as idílicas paisagens do concelho mas não prometeu nada porque nada foi pedido. É porque a terra está servida e se não estiver conta com apoios sólidos dos Ministérios respectivos. Para nós a coisa mais importante e que ele conhece era saber quando abre a fronteira da Portela do Homem para dar vida ao Gerês, ao futuro Parque Nacional e à cidade de Braga cheia de motivos curiosos e até raros e únicos no género.

Como não tenho qualquer espécie de interesse material a defender, apenas gostaria que isto se desenvolvesse.

Aguardemos com expectativa e paciência e confiemos no bracarense dinâmico e ilustre que é o comendador António Maria Santos da Cunha, governador civil do distrito.

* * *

Dr. Domingos Manuel Gonçalves Rodrigues

Depois de casar civilmente no Continente com a Senhora D. Ana Maria Ruano, professora oficial do Magistério Primário, completou a cerimónia religiosa em Luan-da o sr. dr. Domingos Manuel, filho do sr. Domingos Rodrigues, proprietário da farmácia Marques Rego. Essa Senhora partiu de avião para a capital de Angola para se juntar ao seu marido que ali se encontra em missão de soberania. O acto civil, com surpresa da família do noivo, era ignorado para ela e por todos os que admiram as virtudes do jovem advogado, profissão que ele pratica na terra onde se encontra definitivamente fixado. Ao jovem casal, Tribuna Livre, pela voz do seu colaborador e tio do noivo felicita-os e conta-os no número dos seus assinantes mais honrosos.

Elísio Gonçalves

Aniversários

Fazem anos:

Segunda-feira, passa mais uma primavera o sr. António Azevedo Sá Coutinho Russel, funcionário superior da Câmara Municipal de Amares e elemento preponderante da A.N.P. Concelhia.

Neste dia festeja também o seu aniversário o menino Lino Fernandes P. do Lago filho do nosso assinante sr. António Pereira do Lago.

No dia 9, a menina Lídia Ferreira Ferradais.

No dia 11 a menina Izaltina Araújo de Andrade e o sr. Carlos Augusto Taveira, natural de Carrageço e residente no Brasil.

VILELA

Falecimento

Na freguesia de Vilela, de onde era natural, faleceu a sra. D. Maria da Conceição Fernandes de Azevedo, que foi esposa do sr. Domingos Esteves da Silva, reformado da Marinha também já falecido. Além de outros filhos era mãe extremosa do sr. Filinto de Jesus Esteves da Silva e da sra. D. Margarida de Azevedo Esteves da Silva, casada com o nosso assinante sr. José da Cunha, de Paredes-Secas, ausente em França. A numerosa família especialmente à sra. D. Margarida e marido, Tribuna Livre apresenta sentidos pésames.

Intervenções cirúrgicas e tratamentos de recuperação a atletas amadores

De acordo com a linha de orientação prevista no II Plano de Fomento - Gimno-desportivo, (1971-1973), os atletas amadores podem receber tratamentos de recuperação de lesões e submeter-se a intervenções cirúrgicas do foro médico-desportivo, nos Centros de Medicina Desportiva no Sector Escolar e Universitário de Coimbra, Lisboa e Porto, dentro das disponibilidades técnicas, humanas e materiais destes Centros.

Em princípio, serão autorizados os tratamentos e as intervenções a lesões do foro médico-desportivo adquiridas, quer em competição quer em treino, devidamente justificadas desde que, à data do acidente, esses atletas sejam possuidores do cartão médico-desportivo, dentro do prazo da sua validade.

Trovas Soltas

A imagem de nossas almas
Está nas águas profundas,
Quanto mais tristes, mais calmas;
Quanto mais calmas, mais fundas

Vivo triste, triste, triste,
Que eu mesmo nem sei dizer.
— Desconfio que é saudade,
Que é vontade de te ver.

Um cego me disse um dia,
Que poesia, inspiração,
Era uma lua nascendo,
Dentro do coração.

Sou nesta tarde da vida,
Cheio de saudades minhas.
Como um telhado de igreja,
Todo cheio de andorinhas.

É nossa alma uma criança,
Que nunca sabe o que faz.
Quer tudo que não alcança
Quando alcança, não quer mais...

Não quero ouvir teu nome,
Nunca mais te quero ver!
— E passo a vida pensando,
A forma de te esquecer.

Quando vejo teu sorriso,
Tudo se doira e aligeira.
Teu sorriso é na minha alma,
Como o sol numa roseira.

Neste mundo, a certas vidas,
A morte seria um bem,
Mas até a própria morte
Se esquece delas também.

O laço de fita preta
Dos teus cabelos, faceira,
Parece uma borboleta
Poisada numa roseira...

Dizer a Deus nada custa,
Alguém me mandou dizer.
Mas quem diz que nada custa,
Queira bem e vá dizer.

CERQUEIRA

EDITAL

José Manuel de Oliveira Arantes, Presidente da Junta de Freguesia de Dornelas:

Torna-se público que no dia 21 do corrente, pelas 9 horas na sede desta Junta, há-de proceder-se à venda em hasta pública de 1.450 pinheiros e 28 eucaliptos assim distribuídos:

Bouça de S. Tiago — 1.030 pinheiros
Bouça de Tresfontão — 420 pinheiros e 28 eucaliptos

A Junta de Freguesia reserva o direito de não adjudicar a alienação no caso de o preço atingido não lhe interessar.

Junta de Freguesia de Dornelas, 4 de Novembro de 1971.

Amores após as eleições

O nosso Concelho mais uma vez demonstrou possuir civismo para enfrentar factos de ordem governamental.

Na hora das eleições, o povo correspondeu indo às urnas convencido de que era necessário o máximo respeito e sobretudo compreensão. Felizmente, tudo isso aconteceu! O écho dos rumores tristes em audição fez alertar, injustamente, muitas pessoas que no final souberam ocupar dignamente os seus lugares.

Analisa-se, superficialmente, como as escolhas decorreram em algumas freguesias;

Em Figueiredo, Dornelas e Santa Marta de Bouro decorreram em ambiente de autêntica cordialidade. O povo soube ser digno de si próprio escolhendo e defendendo os legítimos interesses sem que algo de anormal existisse.

Vilela, é uma das freguesias do Concelho que merece homenagem especial; isto é, se as urnas estivessem na casa do — já há muitos anos presidente. — Sr. Clemente Marques Pereira, toda a população ali iria deitar o voto. Mais uma vez parabéns à extraordinária população de Vilela, que só demonstra querer paz.

Bouro; depois de um alarme consternado o povo sou-

be impôr-se da melhor forma e felizmente o sossego volta a habitar nas gentes desta terra como sinónimo de reconhecimento. Pena é que tenha sido a única freguesia do Concelho a ter mais que uma lista...!

Goães, recebeu a visita, amiga, do Senhor Presidente da Câmara. Depois de uns ruídos, que chegaram a alertar várias pessoas, esta freguesia correspondeu inteiramente e verifica-se com alegria que tudo terminou em bem. Temos, portanto, na parte governamental elementos válidos que merecem a confiança do povo;

Dionísio José Azevedo Sousa
André Fernandes
João David Saraiva

Para estes entes, o cargo já não é estranho pois em tempos de outrora já o desempenharam. A multidão da freguesia está confiante na eficiente colaboração destes elementos e sobretudo na sua imparcialidade.

Esperemos que estes três elementos elegidos, quando na altura das suas funções, correspondam intrinsecamente ao bem comum e aos superiores interesses do Concelho, tornando desta forma um Município maior.

José António Silva

A ARTE DE OUVIR

derosa faceta, seja a mais encantadora para o espectador. É ele Henrique Santana, filho dum grande artista, que, sob este aspecto, era menor que o filho.

É evidente tornar-se a arte de ouvir um assunto de diversidade, pois há muita gente que só ouve o que lhe faz conta. Ainda no já célebre julgamento da família Champalimaud, de duração indeterminada e com numerosas folhas de um processo quilométrico, ocorreu um incidente jurídico bastante significativo na arte de ouvir. O nosso camarada Adriano de Carvalho em serviço do seu jornal, escrevera que o dr. Palma Carlos tinha observado aos magistrados: «V. Exas. esquartejam a testemunha». Inquirido aquele, logo afirmou ter ouvido proferir a frase. O advogado, com a conhecida dignidade que o caracteriza, também afirmou te-la proferido, sem intenção injuriosa, é certo, mas na esperança da defesa fazer a sua prova com a normalidade que deve existir num julgamento.

Logo se fundamentou um despacho que retirou a palavra ao referido causídico, mas não sem que o douto tribunal colhesse a opinião dos vários intervenientes jurídicos no processo. O juiz-presidente ditou então para

a acta o seguinte despacho: «Nenhum dos membros deste tribunal ouviu a aludida frase, que se diz ter sido aqui proferida.»

Eis a difícil arte de ouvir. Ou, talvez, de ouvir só o que nos faz conta...

MILITÃO PORTO

5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

nente — segundo o termo — refere-se a algo que está pronto para o mal ou para o bem, consoante a disposição do acaso. Ora receber assim os turistas, não me parece em acordo com o «mot d'ordre» das nossas instituições turísticas.

Tanta propaganda pretendem fazer, burilando-a com frases caprichosamente rebuscadas, que acabam por chegar à conclusão dum ilustre publicitário que inteligentemente dizia só recorrer à publicidade o produto fraco, pois o bom impõe-se pela sua qualidade. E eu acredito!

Assim vai o Turismo, Leitor. Também acredita?

EME ARBIL

Importância da higiene e segurança no trabalho

Os acidentes de trabalho e as doenças profissionais trazem consigo vultosos prejuízos económicos e sociais que atingem o trabalhador, a indústria e a Nação.

O operário pode ficar incapacitado para o resto da sua vida, se é que não morre, trazendo assim o desemprego e o infortúnio à sua família.

Por sua vez, o afastamento do operário acidentado causa, também, prejuízos económicos na empresa. O tempo gasto pelos outros empregados em socorrer o companheiro, os danos de material, a necessidade de admitir e treinar um substituto, o atraso nas entregas das encomendas, etc., são alguns dos enormes inconvenientes que os acidentes acarretam para a indústria. Todos estes factos refletem igualmente, mais cedo ou mais tarde, na economia nacional.

A responsabilidade pela prevenção dos acidentes e doenças profissionais incide tanto sobre os chefes, como sobre os trabalhadores e o próprio Governo, pois que todos eles sofrem, embora de diferentes maneiras, as suas consequências.

Para além de todos estes factores, não devemos esquecer que a Higiene e Segurança no Trabalho tem por objectivo, fundamentalmente, o bem estar do trabalhador, procurando proporcionar-lhe melhores condições, tanto físicas como psicológicas.

Só assim e operário se sentirá capaz de dar todo o seu rendimento e manter ao mesmo tempo, sempre vivo, o seu orgulho profissional.

É de origem portuguesa a guitarra havaiana

A famosa guitarra dos havaianos, o «ukulele», é de origem portuguesa e foi introduzida nas ilhas Havai pelos primeiros imigrantes madeirenses, em 1876 - revela o «Jornal Português» de Oakland.

O instrumento, conhecido em Lisboa por «cavaquinho», foi primeiramente fabricado em Braga, onde lhe deram o nome de «braguinha», ao qual, mais tarde, os madeirenses chamaram «machete de Braga».

Quando os havaianos viram os «cavaquinhos», tocados pelos madeirenses, chamaram-lhe «ukulele», que significa «pugas saltadoras», dado o seu pequeno tamanho.

Os primeiros portugueses que fabricaram naquelas ilhas o «ukulele» para os havaianos foram os marceneiros Augusto Dias, José Espírito Santo e Manuel Nunes, decerto que madeirenses os três, precisamente em 1879.

POR SANTA MARIA DA TORRE

Festa das Colheitas

É sempre um acontecimento que desperta muita alegria entre esta gente pacata, simples, mas muito generosa.

Para animar ainda mais esta festa formou-se um pequeno, mas muito risinho, cortejo onde não faltou um excelente acordeonista que, juntamente, com um grupo de rapazes e raparigas devidamente

preparados, animou mais todos aqueles que tomaram parte no ofertório das colheitas.

Pois, mais uma vez este povo, embora reduzido a uma quantidade de 300 pessoas, deu prova da sua união e camaradagem. Feita a leilão, entraram para o cofre da igreja mais 5.500\$10.

Bravo!

Impreviáveis Indesculpáveis

Continuado da 1.ª página

manchando para sempre a paz da sua consciência se, por desgraça, dessa sua falta resultar o sofrimento do próximo.

São numerosas as imprevidências indesculpáveis e delas dá a devida e lúgubre nota, quase diariamente, a Imprensa do País:— Um foguete que se abandonou e foi decepar as mãos de uma criança; o tiro de pedreira que explodiu prematuramente e foi cegar um operário lançando na miséria o seu lar; o pé descalço que levou para o caixão um pobre vitimado pelo tétano; a casca de laranja lançada no passeio sobre a qual escorregou o transeunte que teve que ser levado ao hospital com a coluna vertebral, a cabeça, uma perna ou um braço partidos; um cigarro mal apagado que se abandona em local propício à deliberação de um incêndio; a colocação de produtos tóxicos em sítios facilmente acessíveis às crianças que poderão manuseá-los ou ingeri-los, frequentemente com consequências letais; etc. etc..

E contudo, como seria fácil evitar essas desgraças que tanta dor semeiam! Bastaria que cada qual tivesse sempre bem presente o dever irrecusável de ser previdente e de não dar ocasião, com o seu desleixo criminoso, a tanta dor, luto e ruína.

EDITAL

Doutor Paulo Rebelo Barbosa de Macedo, Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Amares:

FAÇO SABER QUE, no próximo dia 2 de Dezembro do ano corrente, se procederá no edifício do Hospital desta Instituição, à eleição dos corpos directivos da mesma, para o triénio de 1972 a 1974 inclusivé, nos termos do respectivo compromisso.

Para tal efeito, convoco os associados da Misericórdia de Amares para se reunirem em Assembleia Geral, nesse dia 2 de Dezembro às 16 horas, no edifício sede, considerando-se já que nos termos do art.º 25.º do Compromisso e seu único, a Assembleia se deve considerar convocada para funcionar com qualquer número de associados às 17 horas do mesmo dia e no mesmo local, se às 16 horas não se encontrarem presente a maioria dos associados em condições de usarem do direito de voto.

Para constar se publica o presente edital convocatório que será afixado no átrio do edifício do Hospital e publicado no Jornal «TRIBUNA LIVRE».

Amares, 4 de Novembro de 1971

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Dr. Paulo Rebelo Barbosa de Macedo

Visado pela C. de Censura